
A VISÃO DE EDUCAÇÃO E DE ENSINO EM KANT

Almiro Schulz¹

Resumo: *O texto tem como objetivo apresentar uma visão sintética sobre a educação e o ensino na perspectiva de Kant a partir de textos onde o assunto é abordado. Trata-se de uma revisão bibliográfica e estruturação da educação kantiana em cinco tópicos nos quais se procura mostrar que a concepção de educação e de ensino pode ser compreendida como uma necessidade, partindo da afirmação que “O homem é a única criatura que precisa ser educada”. Como processo, a educação se desenvolve por diferentes fases: cuidado, disciplina e instrução, ou seja, fases física e prática. Como projeto, pois não se limita à educação do homem como indivíduo apenas, a educação em Kant visa à humanidade no sentido cosmopolita cujo fim é a humanização, quer dizer, a moralização como metodologia ou método da educabilidade, uma vez que, para ele, a educação é uma arte dentre as mais difíceis de ser exercida.*

Palavras-Chave: *Necessidade da educabilidade. Processo da educabilidade. Projeto da educabilidade. Método da educabilidade.*

1 Possui graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo; graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professor Efetivo da Universidade Federal de Goiás - UFG. Atua na Faculdade de Filosofia e no Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica (Cepae). E-mail: almiroschulz@yahoo.com.br

Escrever sobre educação e ensino em Kant é um desafio porque o filósofo não teve como objeto de análise tais temas, nem escreveu especificamente sobre isso. No entanto, considerou ser a educação de máxima importância depositando nela toda a confiança. Também porque muito já se escreveu sobre o assunto, então há o risco de ser repetitivo e não apontar algo inédito. Mesmo assim este texto aborda a concepção de educação e de ensino de Kant a partir dos textos desse filósofo nos quais se encontram ideias e referências principais sobre o assunto. Kant não teve uma preocupação em elaborar uma teoria de ensino e aprendizagem, isso não é o que propriamente se apreende em seus textos, mais uma concepção de educação, fundamentos dos quais se valeram teóricos posteriores a ele para elaborar teorias como o cognitivismo, principalmente de corrente estruturalista.

As produções que sustentam esta análise são: *Sobre a pedagogia* (1996), lições ministradas por Kant nos anos 1776/77, 1783/84 e 1786/87; sobre elas pairam dúvidas acerca de produção, uma vez que não foi Kant quem editou essa obra, esse papel foi atribuído ao seu discípulo Theodor Pink em 1803; “Resposta a pergunta: Que é esclarecimento”, escrito por Kant em 1783, presente em *Textos Seletos* (2005); *O conflito das faculdades* (1993), produção de 1790, *Crítica da razão prática* (2006) no item “Doutrina do método”, escrito por Kant em 1781 e os ensaios de Kant sobre o “Instituto Philanthropinum” em forma de preleções escritos nos anos de 1775 e 1776. Também alguns textos de comentadores referentes à educação segundo Kant.

Entre os anos de 1800 e 1900 teriam sido publicados 14 trabalhos sobre Kant e educação, todos em alemão; entre os anos de 1900 e 1966, mais de 37 trabalhos foram editados (POLLA, 2013, p. 17). Naturalmente, posterior a esse período há de se considerar um número grande de produções que alcançam a atualidade entre dissertações, teses, artigos etc.

Este texto se encontra estruturado de forma a permitir uma visão geral sobre educação em Kant, agrupando ideias em torno

de cinco tópicos: formação e contexto, necessidade da educabilidade, processo da educabilidade, projeto da educabilidade e método da educabilidade. Antes, porém, vale dizer que se corre o risco de nem sempre retratar todo o pensamento de um teórico, até porque esse filósofo viveu fases de vida e circunstâncias diversas nas quais a elaboração e a aplicação de seu pensamento estiveram sujeitas.

1 FORMAÇÃO E CONTEXTO DA VIDA DE KANT

Apontar alguns dados biográficos e históricos sobre a vida de Kant pode ser muito repetitivo já que eles estão disponíveis de muitas formas, mas para um leitor que, por ventura, ainda não seja familiarizado com esse autor, e para facilitar, alguns dados informativos serão apresentados.

Emmanuel Kant nasceu em 1724 na cidade, na época, chamada de Königsberg, pertencente à Prússia, ao domínio da Alemanha, hoje cidade chamada Kaliningrado, pertencente à Rússia desde 1944. Seus pais faziam parte da comunidade cristã pietista, segmento da igreja luterana que surgiu no século XVII como reação ao intelectualismo religioso e à negligência da ortodoxia cristã, valorizando as experiências religiosas individuais e as Escrituras Sagradas em sua compreensão direta a ela. Kant teve uma infância e uma adolescência não muito fáceis, sua mãe faleceu quando tinha 13 anos de idade. Passou um tempo num colégio interno que estava sob a direção de Francisco A. Schultz, pietista, que o influenciou. Nesse colégio foi aluno de destaque.

Kant estudou filosofia na universidade em Königsberg, ocasião em que sofreu influência do pensamento de Wolff, filósofo alemão racionalista que atuou na Universidade de Halle, na época sede do pietismo, porém este advogava o deísmo. Após a morte do pai, deixou a universidade sem concluir toda a formação e passou a atuar como professor particular por um período de nove anos. Depois da publicação da sua segunda obra

foi promovido pela universidade (conclusão de curso), o que lhe deu direito a abrir curso livre. Em 1770 tornou-se professor da universidade de Königsberg chegando a ocupar vários cargos, além de ser professor até 1796.

Em sua época, a Prússia, sob o governo de Frederico Guilherme II (1786-1797), se por um lado teve uma fase de progresso econômico, por outro lado sofreu restrições, houve controle sobre a liberdade de pensamento, fase em que Wöllner, iniciado da Rosa Cruz e sob a influência do grão-mestre, tornou-se conselheiro e chefe do departamento religioso de assuntos luteranos e católicos; o edito de 1788 do controle sobre a religião pelo qual se pretendia exercer restrições sobre ela e sobre os iluministas afetou diretamente Kant. Esse filósofo foi submetido a esse controle em 1792, quando lhe foi proibido escrever e ensinar sobre religião.

Kant viveu a fase do processo da revolução na França a distância, pois nunca se distanciou mais de 40 a 70 quilômetros de sua cidade natal, acompanhou e conviveu com o duelo entre racionalismo e empirismo tendo como seus principais interlocutores o racionalismo de Leibniz via Wolf e o empirismo de Hume, que contribuiu para superar o dogmatismo que defendia. No que diz respeito à educação, além de viver no contexto e época em que a educação se tornou preocupação central para o iluminismo, dialogou principalmente com o pensamento de Rousseau mesmo chegando a divergir-se dele, o que será apontado mais adiante.

Considera-se que seu pensamento e sua produção de textos podem ser relacionados a três fases: de 1755 a 1770, período em que suas ideias ainda não tinham forma própria; a partir de 1770, início da formação do próprio pensamento que se estende até 1790; julga-se inclusive que, nessa segunda fase, entre 1770 a 1780 teria havido um período de silêncio e só a partir de 1790, terceira fase, considera-se que a filosofia kantiana atingiu sua completude. Kant veio a falecer em 1804, tornando-se uma das

principais figuras do pensamento da filosofia moderna e expressão do iluminismo, considerado o “Copérnico” da filosofia.

2 NECESSIDADE DA EDUCABILIDADE

Se Kant viveu em uma época em que a educação estava sendo considerada como essencial para o momento das aspirações e consolidação da sociedade burguesa e moderna, como alavanca para o progresso, as raízes da nova concepção de educação já se encontravam na Reforma Protestante, em Lutero e Calvino. Os representantes do século XVII foram principalmente Ratke e Comênio com sua *Didática Magna*, já postulando a educação pública considerada ainda religiosa e para todos. No entanto, Rousseau tornou-se o marco principal da época em razão de centrar o ensino no educando. É nele que Kant vai buscar sua inspiração, principalmente em *Emílio*. Fala-se que Kant ficou tão envolvido ao ler essa obra que foi uma das poucas vezes que perdeu hora (DALBOSCO, 2011, p. 102).

Todavia, convergências e divergências são apontadas entre Rousseau e Kant. Como isso não é objeto deste texto vale dizer apenas que Kant coaduna-se com Rousseau na concepção sobre dignidade e igualdade dos homens e relevância da educação para os homens. Diverge de Rousseau no que se refere à educação doméstica e pública, uma vez que Rousseau era contrário à educação cosmopolita e defendia a educação privada. Já Kant vai se colocar e entender a educação dentro de uma dimensão pública, cosmopolita. Polla (2013, p. 19) procura mostrar que a educação de Kant só pode ser compreendida dentro de uma visão cosmopolita.

Neste texto parte-se da tese de Kant, de sua afirmação transcrita no livro *Sobre pedagogia* cuja defesa é: “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 1996, p. 11). Educação como *Erziehung*. Kant, a partir dessa afirmação, promove uma comparação entre os animais racionais e irracionais.

Estes desde o nascimento já são o que são pelo próprio instinto. Seus filhotes precisam ser alimentados para sobrevivência apenas num curto espaço de tempo, pois “Os animais, logo que começam a sentir alguma, usam as próprias forças com regularidade, isto é, de tal maneira que não se prejudicam a si mesmos” (KANT, 1996, p. 11), enquanto que

O homem tem necessidade de cuidados e de formação. A formação compreende a disciplina e a instrução. Nenhum animal, quanto saibamos, necessita desta última, uma vez que nenhum deles aprende dos seus ascendentes qualquer coisa, a não ser aqueles pássaros que aprendem a cantar (KANT, 1996, p. 14).

O homem carece, além do que chama de cuidados, superar sua animalidade quando infante para atingir sua humanidade, e esse *vir a ser* se dá por meio da educação, é um *continuum* individual e da espécie. Por isso, diz: “O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 1996, p. 15). Apreende-se daí que a educação é uma necessidade, o que pode ser ainda identificada de várias formas, dentre elas porque a criança ao nascer é totalmente dependente de cuidados e de proteção física, é carente de ser alimentada e protegida, o que requer, desde cedo, uma pedagogia do cuidado com vistas ao destino, ao fim do homem, a sua humanização.

Outra razão de a educação ser necessidade é que, ao nascer, a criança, o ser humano, não é nem bom nem mau por natureza, mas apresenta tendência *para*, e daí a necessidade da educação para que não venha depender de vícios, sendo desde cedo educada para uma futura autonomia. Ele mesmo responde a pergunta que faz: “o homem é moralmente bom ou mau por natureza? Não é bom nem mau por natureza, porque não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até aos conceitos do dever e da lei” (KANT, 1996, p. 102).

A educação é ainda uma necessidade porque o ser humano para superar e desenvolver sua humanidade precisa desvencilhar-se da menoridade, o que por si só é difícil. Para isso, ele precisa da educação. É difícil o homem por si só passar da animalidade para a humanidade – uma segunda natureza a ser alcançada por meio da educação. “A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem à humanidade. Uma geração educa a outra” (KANT, 1996, p. 12). A educação também é necessária para que os homens atinjam a maioridade. É pela educação que se atinge a autonomia e a moralidade como condições para uma vida ética – fim da educação. Daí a pergunta: “Quanto tempo deve durar a educação? Até o momento em que a natureza determinou que o homem se governe a si mesmo [...]” (KANT, 1996, p. 33).

É, pois, em torno da necessidade da educabilidade que se centram as considerações de Kant sobre educação que neste texto se procura apontar para, então, procurar compreender como ela acontece ou deve ser desenvolvida, considerada aqui como processo da educabilidade.

3 PROCESSO DA EDUCABILIDADE

Kant não vê a educação como um simples dado, um mero ato mecânico, pode-se entender que ele a concebe como um processo contínuo, pois o resultado final pretendido passa pelo processo educacional sobre o qual repousa a perfeição não só do indivíduo, mas também da raça humana, ou seja, da espécie humana. Tomar então o ato educativo como processo em sua forma objetiva implica fases distintas. Kant, portanto, divide o processo educativo em diferentes estágios conforme apresentado no livro *Sobre a pedagogia*.

Esse livro encontra-se organizado em três partes: introdução, considerações gerais sobre a educação e suas implicações; a

educação chamada física, os cuidados, vista mais como educação doméstica e a educação chamada prática, terceira parte, compreendida como educação pública, fase da instrução, formação moral propriamente dita. Tomar as referências de Kant sobre a educação por diferentes estágios ou fases resulta numa dificuldade de apresentá-los de forma organizada, até porque essas fases não parecem ser claramente estanques como as fases desenvolvidas por Piaget em sua teoria do desenvolvimento cognitivo, em que a fase posterior dependia da anterior de modo rígido e terminal.

Contudo Kant lembra que “As crianças devem ser instruídas apenas naquelas coisas que são adaptadas à sua idade” (KANT, 1996, p. 88). Também determinados termos aparecem com sentidos ligados ao contexto de uso como, por exemplo, *Kultur* (cultura), às vezes usado como obtenção de habilidades, outras vezes no sentido mais geral da formação. O próprio termo formação parece, em alguns momentos, ter um sentido amplo, englobando todos os estágios e fases; em outros, parece referir-se à fase da instrução e moralização. Consta no texto que “o homem tem necessidade de cuidados e de formação e a formação compreende a disciplina e a instrução” (KANT, 1996, p. 14), aqui não está incluído o estágio do cuidado. No entanto essa fase apresenta-se ali incluída porque Kant considera a educação como um processo.

De uma forma simples, para fins mais didáticos, Kant divide a educação em três estágios: cuidado, disciplina e instrução, conforme indicado no trecho: “Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação” (KANT, 1996, p. 11). A educação é, desse modo, um processo que perpassa essas fases. A primeira fase, denominada educação física, diz que: “A educação física consiste propriamente nos cuidados materiais prestados às crianças ou pelos pais, ou pelas amas de leite, ou pelas babás” (KANT, 1996, p. 39). São os cuidados (*Wartung*) tomados no sentido de prevenir para que as crianças não “façam uso nocivo de suas forças” (KANT, 1996, p. 11).

Na parte chamada de educação física, considerada parte da primeira natureza mais similar aos animais, o filósofo tece uma série de cuidados necessários à criança, considerando-os parte do processo educativo. Kant lembra que: “Ainda que aquele que toma a seu cargo uma educação, como governante, não receba de imediato as crianças, quando então deveria ocupar-se também da sua educação física, por outro lado ajuda que ele saiba tudo o que se requer na educação, do princípio ao fim” (KANT, 1996, p. 39).

Na segunda fase, ou estágio, a disciplina (*Disziplin, Zucht*) é necessária já que ela “transforma a animalidade em humanidade” (KANT, 1996, p. 11) e “A disciplina é o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais” (KANT, 1996, p. 12). A animalidade precisa ser transformada em humanidade. No entanto isso não significa eliminar a animalidade, mas domá-la para que danos sejam evitados.

A disciplina, por sua vez, é considerada negativa: “Mas, a disciplina: **é puramente negativa, porque é o tratamento através do qual se tira do homem a sua selvageria [...]**” (KANT, 1996, p. 12), **selvageria como *wildheit***, ausência de leis; negativa porque não agrega, mas elimina ou evita. É a fase mais curta do processo educativo, todavia necessária para que se atinja o fim do homem, a saída da menoridade para a maioridade. Para Kant, “A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina” (KANT, 1996, p. 16).

Há certa dificuldade em fazer claramente algumas distinções em *Sobre Pedagogia* na parte da educação prática que visa à moralização, espaço que demarca os limites entre um estágio e outro, entre o limite disciplinar e o limite da moralização, fases que ficam entre um e outro. Isso dá a entender que Kant não estabelece uma divisão rígida entre as fases física e prática (DAL-BOSCO, 2011, p. 113).

Antes de abordar a fase da instrução e moralização, talvez seja importante fazer algumas considerações sobre o lugar da disciplina no processo educativo de Kant, pois isso poderá ser mal interpretado. A disciplina é parte integrante do processo. Para ele, é importante que seja colocada no início, na educação física:

Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumam a ficar sentadas tranqüilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos. (KANT, 1996, p. 13).

Com isso, no entanto, Kant não considera que a coação por meio da disciplina inibe, domestique, mas a submissão, a obediência e a sujeição passiva às leis da humanidade pela disciplina fazem “sentir a força das próprias leis” (KANT, 1996, p. 13). A submissão às leis, portanto, contribuirá para que as “portas” se abram para a obediência das próprias leis, ou seja, para a autonomia. O objetivo final é chegar à moralidade, passar da heteronomia para a autonomia. É por meio da compreensão de regras externas que se desenvolve a capacidade de aceitar leis autônomas que conferem com a razão, a submeter-se aos preceitos da razão como observa Kant: “Assim, é preciso acostumá-lo logo a submeter-se aos preceitos da razão” (1995, p. 13).

A terceira fase, a instrução, por sua vez, se desenvolve em três outras: alcançar as habilidades, a prudência e a moralidade. A habilidade (*Geschicklichkeit*) é a capacidade da realização instrumental dos fins, isto é, a capacidade de concretização dos fins idealizados pela liberdade, pela razão. Kant considera que “[...] deve, antes de mais nada, ser bem fundada e tornar-se pouco a pouco um hábito do pensar” (KANT, 1995, p. 91), formação pragmática útil, mas para os fins da razão. A prudência (*Klugheit*) é entendida como formação civilizatória para convivência social: um

agir adequado nas relações sociais apontando para o fato de que a capacidade de civilidade consiste ainda em uma adaptação. Nesse sentido, tanto a habilidade quanto a prudência se acham vinculadas ao empírico e se encontram no processo da moralização.

A fase final, a moralidade, supõe formação, é o estágio da autonomia, da formação do caráter, da realização ética, em outras palavras significa a humanização. É preciso considerar que, para Kant, não há um alcance final, a realidade sempre impõe situações e limites que exigem retomar a formação pela educação, mas, ao mesmo tempo, ele vê a possibilidade do progresso do indivíduo e da espécie no caminho para a moralização. Esse processo é, pois, também de autoeducação, em que o próprio educador se educa. Considera-se, então, que uma concepção de educação e de formação pode ser vista como projeto.

4 PROJETO DE EDUCABILIDADE

Então a visão de Kant sobre educação pode ser entendida como um projeto? A resposta é sim, partindo-se da concepção de educação necessária ao desenvolvimento das disposições naturais como um processo, um *vir a ser* que perpassa diferentes estágios e fases tendo o homem como meta final, como um fim em si mesmo e não como um meio. Um processo que não está limitado exclusivamente ao individual, mas à espécie, à humanidade. Considerando ainda que esse processo não se refere ao tempo, às ações imediatas e restritas, mas vê a educação como algo progressivo que há de se desenvolver de forma cosmopolita ao propósito de alcançar um fim: o esclarecimento, a moralização. A geração presente depende da anterior e a geração do futuro da presente. Tudo isso e tantas outras razões asseguram a educação como projeto.

Toma-se projeto como algo a ser alcançado tendo em vista um fim aberto, não conclusivo. Também esse fim não se fundamenta em condições naturais ou empíricas, no princípio da feli-

cidade que é empírico, material e provém dos sentidos. Está em vista o princípio da moralidade, ou seja, o formal que provém da razão. No entanto sendo projeto é possível estabelecer metas e estratégias a serem propostas e desenvolvidas. É nesse sentido que se entende que, para Kant, a educação pode ser vista como projeto, apostando-se nela. Por meio dela haveria um progresso no sentido iluminista em vista à humanização de uma vida cidadã republicana. Aqui também se encontra uma das divergências entre ele e Rousseau, como já dito.

Rousseau era contrário a uma educação cosmopolita, postulava uma educação doméstica, a formação do homem. Já Kant pretendia a educação pública, a formação do cidadão, sobretudo na fase da instrução, não que ele desprezasse a educação doméstica, mas ela não daria conta de uma educação na visão cosmopolita. Talvez seja pertinente esclarecer melhor o uso que Kant faz de educação doméstica, privada e pública. Em *Sobre pedagogia*, a educação doméstica, em geral, refere-se à educação não escolar, principalmente da fase dos cuidados exercida pelos pais ou pelas amas. A educação privada, à educação exercida pelo precursor na fase da disciplina e da instrução. Já a educação pública refere-se principalmente à escolar. No entanto, em “Resposta à pergunta: Que é esclarecimento” Kant faz uso da educação privada referindo-se principalmente ao exercício da docência em cumprimento de sua profissão e da educação pública ao uso da razão esclarecida como “sábio”, livre de controle.

Kant considerava importante a educação escolar, pois a educação doméstica pelos pais, amas, ou mesmo precursores, neste caso limitado às famílias abastadas, revelavam que as circunstâncias eram outras e a educação estava tomando uma dimensão mais universalizada, a educação doméstica não daria conta dessa amplitude. Percebe-se o valor que o filósofo vai atribuir às escolas quando escreve elogiando a proposta escolar desenvolvida por Basedow, filantropista e reformador. Kant, nos escritos “Aufsätze, das Philanthropon, o considerou o maior

fenômeno do século para o melhoramento, a educação, para a perfeição da humanidade”.

Enquanto tece crítica à maioria das escolas existentes cujo ensino considerou de caráter mecanicista (KANT, 1996, p. 2), elogiou a nova experiência da escola de Basedow. Ele não foi indiferente em relação à gestão escolar, observando que “A direção das escolas deveria, portanto, depender da decisão de pessoas competentes e ilustradas” (KANT, 1996, p. 25). Lembrando que foi a Prússia que instituiu o primeiro sistema de educação obrigatório exercendo influência sobre toda a Europa, objeto de crítica kantiana, enquanto que o modelo de Basedow foi por ele elogiado.

A educação pode ser entendida como projeto porque não é um processo do âmbito individual, privado, mas da espécie. Ela contribuiria para o progresso da humanização da razão. O ponto central nessa discussão é o desenvolvimento da razão, sem, no entanto, desconsiderar os instintos. É preciso, pois, considerar o já acumulado, partir dele, e progredir para que, por sua vez, as futuras gerações possam fazer uso desse progresso e avançar. É, portanto, um fazer contínuo tendo sempre em vista o alcance do esclarecimento (*Aufklärung*), da maior idade. Quando perguntado se já se havia alcançado o esclarecimento, ele mesmo se pergunta e responde:

Se for feita então a pergunta: “vivemos agora em uma época esclarecida (*aufgeklärt*)?”, a resposta será: “não, vivemos em uma época de esclarecimento (*Aufklärung*)”. Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa educação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. (KANT, 2006, p. 69).

O processo e o experimento desse projeto, como já dito, resultam caminho aberto, não se pode saber com segurança, de

forma antecipada, o que poderá surgir do homem, como as disposições naturais seguem nele se desenvolvendo. Como então considerar sua educação como projeto que implica em objetivos e planejamentos? Pode-se apreender que projetos e planos curriculares são importantes desde que sejam flexíveis e possíveis de mudanças (DALBOSCO; EIDAM, 2009, p. 199). Para Kant, isso não significa um plano completo, apresentado por alguma geração (KANT, 1996). Dalbosco e Eidam (2009, p. 119) entendem, então, que “Ser educado para o futuro, não mediante um plano imposto, mas, sim, de acordo com um plano aberto, isso é o princípio da educação”.

É um plano abrangente, cosmopolita, firmado na ideia de um mundo melhor por meio da humanização sem, no entanto, eliminar a formação individual. Isso só é possível, segundo Kant, “através do esforço de pessoas dotadas de grandes aspirações por um mundo melhor e pela ideia de um futuro estado melhor de coisas, é possível a aproximação gradual da natureza humana aos seus fins” (apud DALBOSCO; EIDAM, 2009, p. 201). Essa perspectiva educacional de Kant [...] “jamais é uma educação para o *status quo*, e muito menos o seria para um mau *status quo*”. Os autores consideram ainda que “A pergunta pela moral era, para Kant, ainda aquela que não só o homem privado, mas também o cosmopolita se colocava” (DALBOSCO; EIDAM, 2009, p. 203) abrangendo o âmbito da economia e da política, ou seja, na esfera pública.

Kant em sua visão de educação na perspectiva de projeto defendia uma moralização possível, não finalista, em que os homens se tratassem não como meios, mas como “fins em si mesmo” de acordo com as máximas. Poder-se-ia ainda justificar a educação como projeto considerando sua visão da filosofia da história como lembra Bobbio (1997, p. 153-159), que, nesse sentido, procura responder a quatro perguntas, tais como: “se existe na história humana um progresso”, responde que sim; “qual o critério pelo qual seria possível medir o progresso”, a resposta é

pelo desenvolvimento da razão, faculdade especial do homem; “quais seriam os meios para isso”, o antagonismo e, por fim, “qual seria o fim”, a constituição da sociedade jurídica, paz com liberdade.

1.5 MÉTODO DA EDUCABILIDADE

Pode-se também compreender que a educação enquanto processo e projeto se desenvolve e se realiza por meio de uma determinada metodologia, de determinados procedimentos educativos adequados a ela, considerando por método os meios pelos quais se efetivam o ato formativo. Nesse sentido, é preciso entender que Kant não desenvolveu uma teoria de ensino e aprendizagem, nem uma didática, mas apontou para aspectos que podem ser identificados como métodos de educabilidade. Fala de memória e de pensamento, dois níveis de ensinar e aprender, em que o primeiro tem a ver com a tradição, com aquilo que deve ser repassado aos alunos, às gerações; já o segundo refere-se ao desenvolvimento do raciocínio crítico, do desenvolvimento do pensar autônomo que conduz à liberdade, à moralidade. Nesse sentido Kant considera que desde o início, ainda no período dos cuidados, da disciplina, já se deve considerar o processo para o alcance da autonomia.

Pensar num método, num procedimento pelo qual se realiza a educação para a moralização convém retornar à educação vista por Kant como arte, como uma *techné*. Segundo ele, é preciso atribuir às ações pedagógicas um caráter científico. No entanto não se trata de um mecanicismo, uma vez que: “Toda a arte da educação que surge de modo simplesmente mecânico deve conter em si muitos erros e carências, por que ela não teria nenhum plano como fundamento” (KANT, 1996, p. 22). Ele ainda considera que “O homem pode ser, ou simplesmente adestrado, mecanicamente ensinado, ou ser realmente esclarecido. Adestram-se cães e cavalos, mas também se podem adestrar homens”

(apud DALBOSCO; EIDAM, 2009, p. 202). Os autores observam quem “pode-se adestrar, e faz-se isso, apenas não dizendo que é adestramento. Quando o melhor adestramento é aquele que não se torna consciente ao adestrado, deixa-se ver sua eficácia na falta de resistência em relação a tudo àquilo que é exigido dos homens” (DALBOSCO; EIDAM, 2009, p. 2).

É preciso afastar a ideia de uma educação que centra sua confiança num procedimento metodológico, no uso de uma tecnologia adequada para que se alcance os resultados esperados, pois isso significaria perpetuar a menor idade, o que não contribui para que se façam perguntas que deveriam ser feitas (DALBOSCO; EIDAM, 2009, p. 203). É preciso prezar por uma educação que leve ao educando a se perguntar pelo sentido e pelo fim das coisas com capacidade de julgá-las, a desenvolver a capacidade de juízo. Esse processo não se dá sem um método, uma determinada forma de proceder.

Nesse processo é necessário que o ânimo (*Gemüt*) do educando seja despertado, e isso requer coação (*Zwang*). Naturalmente Kant não considera que a formação ocorre especificamente pela educação escolar, até porque em sua época a educação ainda não era universalizada ou massificada, ou ainda democratizada, mas compreende que tal tarefa não é possível pela educação doméstica, como já se fez referência. Como precursor e professor que foi, pensa em como agir por meio de uma arte que contribua da melhor forma possível para a formação, no caso para a autonomia, para o esclarecimento. Lembrando que, em parte, essa visão foi buscada em Rousseau, aproximando-a do princípio pedagógico natural.

Nesse sentido, o educando é um ser sensitivo antes de ser racional, portanto as exigências metodológicas precisam ter início pela educação dos sentidos: “O primeiro gosto a ser cultivado é o dos sentidos, sobretudo, o da vista e, finalmente, o das ideias” (KANT, 1996, p. 71). Isso quer dizer que o início não ocorre pela formação de conceitos, o ponto de partida são as intuições sensí-

veis. O comentário nessa primeira fase é mecânico, e na segunda fase – educação das ideias – é moral. É preciso que a criança atinja primeiro sua estrutura cognitiva, para depois estar apta à educação dos conceitos abstratos. Dessa forma, trata-se primeiro da educação física, depois da educação moral. Lembrando, como já foi dito, que Kant não faz uma separação rígida entre as fases do processo educativo, mas já na fase da educação física deve-se visar à educação moral e adotar um procedimento que venha contribuir para isso, considerando a idade da criança e seus limites do desenvolvimento.

Tomando propriamente o ensinar em *Sobre a Pedagogia*, pode-se verificar que Kant apresenta dois métodos principais: o eromático (*eromai*) e o acromático (*akromai*). O primeiro procedimento educativo está centrado no perguntar que requer reflexão, ensinar. Nesse sentido, implica em interpretar. Este, todavia, se divide em dois níveis: o catequético e o dialógico. O catequético questiona a memória enquanto o dialógico questiona a razão, o pensar próprio. Para Kant, a memória precisa ser cultivada: 1) “através da “retenção dos nomes que se encontram nas narrativas; 2) através da leitura e da escrita, mas de cabeça, sem precisar soletrar; 3) pelo estudo das línguas, as quais devem ser apresentadas às crianças de ouvido” (KANT, 1995, p. 70). O acromático – segundo da divisão maior – tem a ver com o ouvir sendo, portanto, um procedimento expositivo com objetivo de informar.

Kant considera importante, para isso, o uso do exemplo e de biografias exemplares. Propõe até uma apostila capaz de relacionar exemplos, conforme lembra Fernandes (2007, p. 168):

Kant chega a sugerir nessa sua doutrina moral, uma cartilha a ser elaborada pelos educadores da juventude, da qual constem biografias de épocas antigas e modernas, que exponham exemplos para os deveres esperados, para comparação de ações semelhantes em circunstâncias diferentes.

No entanto, quando trata do método para educação moral em *Crítica da Razão Prática* (KANT, 2006) lembra que os exemplos devem ser usados para fortalecer o desenvolvimento do juízo, como observância por dever e não por “pretensões ambiciosas, orgulhosas que debilitam o coração antes de fortificá-lo” (KANT, 2006, p. 183). Sabe-se que a educação contemporânea, a que está focada na razão instrumental, de raiz iluminista, liberal, que tem como princípios o mérito e a competitividade, não encontra fundamento em Kant como muitas vezes se pretende, pois Kant diz “[...] e afirmo, por conseguinte, que é necessário que o dever e não o sentimento do mérito tenha sobre o espírito a influência não somente mais determinada, mas também, se for representado sob a verdadeira luz de sua inviolabilidade, a mais penetrante” (KANT, 2006, p. 183).

Qual o lugar do professor? Kant aponta uma diferença entre o que chama de professor e de governante: “Daqui nasce a diferença entre o professor, o qual é simplesmente um mestre, e o governante, o qual guia. O primeiro ministra a educação da escola, o segundo a da vida” (KANT, 1996, p. 31). Ele entende que com a ampliação das instituições escolares o professor torna-se cada vez mais necessário e diante disso também mostra uma preocupação com a formação do docente, de que forma e como se forma? Vê-se também que, segundo ele, o professor deve ter liberdade de cátedra, ou seja, deve ter autonomia quanto à escolha e ao ensino dos conteúdos (KANT, 1996, p. 30). Em “Resposta à pergunta: Que é esclarecimento” lembra que o professor enquanto funcionário exerce uma função privada e que para o esclarecimento é importante que seja um sábio, como quem executa uma função pública (KANT, 2005, p. 67).

Ainda é importante acrescentar que, para ele, o trabalho é um princípio educativo e capaz de contribuir para desenvolver a autonomia e superar a fase da heteronomia (KANT, 1996, p. 65). Apesar de todo o esforço de quem educa, lembra que o esclarecimento não se efetiva de fora se não houver o esforço do

próprio homem. Assim diz que: “O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem” (KANT, 2006, p. 63). Essa dependência do outro, de grande parte dos homens, decorre da preguiça e da covardia e é mais cômoda (KANT, 2006, p. 64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essas considerações sobre a visão de Kant acerca da educação e do ensino, as perguntas que surgem, dentre outras, são: qual o lugar ou a validade de se pensar a educação a partir de Kant? A educação não estaria superada ou até fracassada enquanto intento ou projeto? Hanna Arendt (2007) em seu texto sobre a crise da educação não faz uma crítica direta à concepção da educação de Kant, mas foca os desdobramentos por meio das teorias modernas de educação que colocaram a criança no centro e priorizaram a educação ativa, o que chama de o “mundo da criança”. Isso gerou um descompromisso com o mundo do adulto. Não é objetivo deste texto confrontar a crítica de Arendt com a educação kantiana, mas apenas indicar que o ideal kantiano não se haveria cumprido, bem como também a análise feita pela escola de Frankfurt por Adorno e Horkheimer, por exemplo. Considera-se, no entanto, que se a história não seguiu os passos esperados por Kant e o desenvolvimento da razão não alcançou o estágio do esclarecimento, frustrando-se em função de Auschwitz, e a razão instrumental tornou-se primazia pela ciência e tecnologia, tudo isso, no entanto, não desqualifica os princípios educativos baseados em Kant.

Em relação a um dos questionamentos sobre a visão educacional de Kant sobre a educação cidadã e cosmopolita, é necessário fazer algumas observações a partir da tese de doutorado de Polla (2013) que traz informações e referências pertinentes a isso. Segundo ele, nas últimas décadas do século XX o tema cosmopolita paulatinamente veio ganhando novo espaço até tor-

nar-se destaque, sobretudo a partir da década do ano 2000 com o surgimento de trabalhos sobre o assunto, destacando Martha Nussbaum como uma das defensoras da necessidade de uma educação cosmopolita. Lembra ainda que já em 1993, na “Semana Nacional da Educação para Todos” realizada em Brasília, ocasião em que se discutiu o “Plano Decenal de Educação”, Bárbara Freitag proferiu uma palestra sob o título “Filosofia Iluminista e Pedagogia da Qualidade”, na qual retomou Kant para pensar a educação como referência para uma educação com vistas à formação crítica (POLLA, 2013, p. 15).

Além dessas observações, em estudo e análise em andamento sobre os projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura de uma universidade federal, constatou-se que nos seus objetivos, nos princípios norteadores, no perfil do egresso e outros estão presentes as preocupações com uma educação crítica reflexiva, com uma formação humanista cidadã, com uma formação ética e com a autonomia. Palavras-chave que reportam à educação kantiana.

O objetivo deste texto não foi ser propositivo, no entanto, de que forma então poderia se pensar e articular uma educação de intervenção com bases kantianas? Considerando que atualmente a discussão está bastante centrada no currículo escolar, em sua dimensão de projeto-pedagógico de curso, dever-se-ia considerar habilidades de pensar criticamente, não apenas apreender pensamentos, mas aprender a pensar. Como lembra Hanna Arendt (2007), o mal na atualidade é que não pensamos. Também é necessário transcender uma visão local para um mundo globalizado com problemas que atingem o homem enquanto humanidade, com formação moral para o exercício ético, não meramente visando o bem-estar, mas o *dever ser*. Repensar ainda a questão da disciplina na gestão da sala de aula não como controle, mas como princípio educativo e formativo faz-se importante.

THE VIEW OF EDUCATION AND TEACHING IN KANT

Abstract: *The aim of this text is to present a synthetic view of education and teaching in the perspective of Kant through texts that deal with this subject. This is a bibliographic review which structures education in Kant in five topics in which we seek to show that the conception of education and teaching may be understood as a need, stemming from the statement that “Man is the only creature that needs to be educated”. As a process, education is developed in different phases: care, discipline, and instruction, i.e., physical and practical phases. It is a project, because it is not limited to education of the person simply on the individual level. Education in Kant has a view of humanity in the cosmopolitan sense, education for the purpose of humanization, i.e., moralization as a methodology or method of educability, since, for him, education is one of the most difficult arts to carry out.*

Keywords: *Need for educability. Process of educability. Project of educability. Method of educability.*

REFERENCIAL

- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOBBIO, Norberto. *Direito e Estado no Pensamento e Emanuel Kant*. Brasília: Editora UnB, 1997.
- DALBJOSCO, Caudio A. *Kant & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- _____; EIDAM, Heinz. *Moralidade e educação em Immanuel Kant*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2009.
- FERNANDES, Paulo Cezar. *Moral, ética e direito em Kant – Uma fundamentação para o dano moral e direitos humanos*. 2007, 241f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha, Marília, 2007.
- KANT, Immanuel. *Sobre pedagogia*. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1996.
- _____. *O conflito das faculdades*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- _____. Resposta à pergunta: *Que é esclarecimento?* In: _____. *Textos seletos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005, p. 63-71.

_____. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Ed. Escala, 2006.

_____. *Aufsätze, das Philanthropon* - Instituto Philanthropinum, 1775-1776.

POLLA, Carê Cardoso. *ABC do Cosmopolitismo: Kant e a educação*. 2013, 218f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

SANTOS, Anderson Carvalho de. Educação e ética em Kant: autonomia e heteronomia na formação pedagógica e moral do homem. In: VII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.